

## A QUERELA ENTRE CIÊNCIA E ARTE *ONCE AGAIN*: OS *ANNALES* E A FUNÇÃO DA HISTÓRIA COMO ORIENTAÇÃO PARA A VIDA

GUILHERME PEREIRA DAS NEVES\*

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
NITERÓI, RJ

[...] en jouant le maître dans cette chambre pleine  
jusqu'aux bords de l'âme des autres.

Marcel Proust<sup>1</sup>

Historiador que nunca fez história econômica, soube da existência dos *Annales* no decorrer da Graduação no IFCS da UFRJ, durante os anos de chumbo da ditadura militar, graças ao entusiasmo da Prof<sup>a</sup> Célia Freyre, que acabara de retornar da França, ainda sem ter concluído o seu *doctorat d'état*; em particular, através da leitura de um livro por ela recomendado de Vitorino Magalhães Godinho (\*1918), autor de quem me tornei admirador confesso.<sup>2</sup> Alguns anos depois, ao ingressar no ensino superior, na condição um tanto aviltante de professor colaborador da área de *Introdução aos Estudos Históricos*, substituindo um efetivo com licença de quatro anos para também realizar seu doutorado em Paris, começava apenas o mestrado e, sinal dos tempos, depois de uma graduação catastrófica, pequena era a bagagem para exercer a atividade, embora me lembre que a questão da prova escrita, a que fui submetido, propusesse como tema os *métodos quantitativos em história*, sugerindo o quanto as idéias dos *Annales* já estavam circulando entre nós por volta de 1977.<sup>3</sup> Não obstante, de início, muitas vezes, ministrei aulas sobre o lugar dos *Annales* na historiografia contemporânea para desgosto de turmas formadas por alunos de orientação marxista em sua maioria, que julgavam aqueles comentários completamente perfunctórios, até mesmo quando fundamentados no denso volume que Ciro Flamarion Cardoso (\*1942) e Hectór Pérez Brignoli (\*1945) publicaram com o título de *Os Métodos da história* em 1979.<sup>4</sup>

Resultado dessa experiência e da crescente familiaridade com os autores franceses – por conta das leituras realizadas para a dissertação e a tese –, cheguei a desenvolver dois ou três truques (talvez devesse pronunciar *trucs*), creio que originais, para revelar aos alunos as novidades que, de Lucien Febvre (1878-1956) e Marc Bloch (1886-1944), a Fernand Braudel (1902-1985) e outros de porte equivalente, como Pierre

Vilar (1906-2003), Pierre Goubert (\*1915) e Pierre Chaunu (1923-2009) – para só ficar nos *Pierres* – os *Annales* tinham sido capazes de *aportar*. Como, por exemplo, lembrar uma cena em *O Picolino (Top Hat)*, de 1935, na qual a câmara executa um movimento lento, deslocando-se de Fred Astaire, de casaca, bengala e cartola, dançando na frente do palco, para um grupo compacto de outros fantásticos dançarinos em linha, igualmente trajados, ao fundo. Ao fazê-lo, pretendia sugerir a equivalência que aquele *travelling* revelava quanto à mudança de perspectiva dos historiadores franceses na direção dos indivíduos comuns, das massas, afastando-se, por conseguinte, do indivíduo excepcional, do herói, que atormentara a historiografia tradicional do século XIX.<sup>5</sup>

Nem por isso, no entanto, tinha em princípio algo de original para apresentar sobre o periódico que se converteu em corrente historiográfica, ainda que composta por muitos afluentes e desaguando em inúmeros braços de um delta mais tortuoso que o do Nilo. Hesitei alguns momentos, até que me lembrar de ter nas estantes de casa um bonito volume da Fayard, ganho de presente, com a correspondência entre Febvre e Bloch de 1928 a 1933, ou seja, compreendendo justamente a época em que a revista tinha sido fundada e que nunca examinara com cuidado. Pronto! Afinal, além de algumas obras, mais ou menos clássicas sobre os *Annales*, que adquirira por dever de ofício, agora tinha minhas fontes e, de acordo com Langlois & Seignobos – *pas de document, pas d'histoire!* – podia propor a comunicação!<sup>6</sup>

Com base nesse material disponível, cheguei a considerar a possibilidade de uma abordagem da criação do movimento em 1929. Logo me convenci, porém, de sua inutilidade. Graças ao lugar que os *Annales* vieram a ocupar na historiografia contemporânea, não custou dar-me conta de que dificilmente teria condições de apresentar alguma novidade e, se novidade houvesse, logo se veria diluída em meio a um relato do processo, bastante conhecido pela maioria, senão pela totalidade dos presentes, que, dos impasses da historiografia no final do século XIX, conduziu a história a aproximar-se das ciências sociais; que propiciou o diálogo da história com o marxismo, a partir do *front populaire* dos anos 30 [mas Labriola já pertencia à universidade no início do s. XX – cf. Mitchels]; que assegurou, depois da 2ª Guerra, a elaboração de uma modalidade de pesquisa e de apresentação de resultados cada vez mais especializada e sofisticada, em busca das poderosas forças anônimas que, acreditava-se, comandam a organização das sociedades; e que, ao longo dessas décadas,

se converteu em uma espécie de *mito*, por todos reivindicado, ainda que desdobrado em sucessivas gerações, nem sempre solidárias, de herdeiros.<sup>7</sup>

Em 1972, Frédéric Mauro (1921-2001), um típico representante dos *Annales*, embora não se encontrasse com certeza na linha de frente do movimento, abriu, com seu português *irreprochável*, um mini-curso na Universidade Gama Filho, subúrbio do Rio, dizendo em tom de áugure, por uma vez sem rodeios, mas cujo vaticínio, como em geral ocorre, não tardou a ser desmentido: “A história é a economia do passado; e a economia, a história do presente.” Apenas pouco mais de uma década depois, seu colega Bartolomé Benassar (\*1929), algo mais moço, confessava, em palestra na minha universidade, em Niterói, a menos de 30km de distância, a inveja que sentira quando viu à venda, no quiosque de uma estação ferroviária, a edição de bolso do *Montaillou* de Emmanuel Le Roy Ladurie (\*1929), que tinha aparecido em 1975, recorrendo a uma *descrição densa* de antropólogo para reconstituir no detalhe a vida de uma cidadezinha dominada pela heresia cátara, no sudoeste da França de fins da Idade Média.<sup>8</sup> No intervalo, anunciava-se o *giro linguístico* – afinal, *Metahistory*, de Hayden White, é de 1979 – e começava a voga da sempre *nouvelle histoire*, cujo volume-manifesto, organizado por Jacques Le Goff (\*1924), Roger Chartier (\*1945) e Jacques Revel (\*1942), é de 1978.<sup>9</sup>

O pior, porém, ainda estava por vir. Apenas uma década depois, em 1987 – antes, portanto, da queda do Muro de Berlim e de que ele passasse a reverenciar outros objetos capazes de despertar a curiosidade do público francês, como o estruturalismo e a fenomenologia de Paul Ricoeur –, François Dosse (\*1950), em tom apocalíptico, anunciava que a história estava *em frangalhos*.<sup>10</sup> Em seguida, com a perda de prestígio do marxismo na academia, declarou-se a crise dos paradigmas, a crise das ciências humanas e a crise da história.<sup>11</sup> Como a opor-se diante da maré que subia, os próprios *Annales*, no final de 1989, reafirmaram sua vocação para a interdisciplinaridade e, em 1994, trocam seu subtítulo, velho de quase meio século, por um novo. Vai-se o amplo, quase poético e bem febvriano, *Economias, Sociedades, Civilizações*; finca-se o pé no seco e asséptico *História, Ciências Sociais*.<sup>12</sup>

Apesar disso, a história (e as ciências sociais) continuaram a ser praticadas nesse fim-de-século com extraordinária vitalidade. Mais ainda, com enorme diversidade. Até no Brasil, graças ao crescimento vertiginoso da pós-graduação; e onde a *École des*

*Hautes Études en Sciences Sociales*, tornada independente em 1975, continua a funcionar como uma espécie de Meca para muitos doutorandos e pós-doutorandos. Na realidade, então, o que se encontra por trás desse movimento? O que explica esse paradoxo? Depois de desvio tão comprido, este é o aspecto para o qual talvez possa trazer aqui uma pequena contribuição, mas ao preço de uma certa *heresia* e, como tal, sob a forma de uma *provocação*, espero que branda, destinada a cutucar os nossos *pré-conceitos*, como diria Gadamer.<sup>13</sup>

\* \* \*

Depois de muitos anos de vivência como professor de teoria e metodologia da história e de reflexões sobre a prática historiográfica, ao examinar o mencionado volume da correspondência entre Lucien Febvre e Marc Bloch de 1928 a 1933 e ao retomar a bibliografia que tinha à disposição sobre os *Annales*, dois aspectos chamaram a minha atenção.

Do primeiro deles, há muito desconfiava, e essa reaproximação do assunto só fez confirmar a suspeita. Trata-se da grande continuidade entre uma série de trabalhos e preocupações que vinham surgindo desde o final do século XIX e o esforço de Febvre e Bloch na criação dos *Annales*. [Inserir a questão da querela dos antigos e modernos]. Antes que o economista François Simiand (1873-1935) investisse, em 1903, contra o grande *patron* do campo profissional da história, que se chamava Charles Seignobos (1854-1942), fundara-se, em 1900, a *Revue de Synthèse Historique*, sob a responsabilidade de Henri Berr (1863-1954), um filósofo, relacionado pelo casamento a Émile Durkheim (1858-1917) e cuja maior inquietação estava relacionada à excessiva compartimentação entre as disciplinas, que ele pretendia superar, por meio da história, através de uma operação de *synthèse*.<sup>14</sup> Em reforço dessa idéia, não é possível esquecer que a *crise* da história na França da *belle époque* encontra uma sincronia temporal quase perfeita na Inglaterra, com a oposição entre John B. Bury (1861-1927) e George Macaulay Trevelyan (1876-1962);<sup>15</sup> no mundo alemão, com o *Methodenstreit* entre o economista austríaco Carl Menger (1840-1921) e o economista-historiador Gustav von Schmoller (1838-1917), admirado este por Capistrano de Abreu (1853-1927), como também o enfrentamento entre Karl Lamprecht (1856-1915) e os historiadores voltados para a política e as idéias, como Friedrich Meinecke (1862-1954);<sup>16</sup> [acrescentar a Itália, com Salvemini e Croce, comentados por Durkheim]; e ainda, nos Estados Unidos, com

o surgimento da *new history* de James Harvey Robinson (1863-1936) e Charles Austin Beard (1874-1948), reagindo, com a fundação da *New School for Social Research* de Nova Iorque em 1919, contra o *nobre sonho* dos historiadores empiristas e nacionalistas.<sup>17</sup> [O eco posterior no Brasil em *A verdade da biografia*, 1945, de Luiz Vianna Filho].

Mais do que isso, até mesmo na própria França, a atividade de historiadores como Ferdinand Lot (1866-1952), Henri Hauser (1866-1946), Henri Sée (1864-1936) e, sobretudo, Henri Pirenne (1862-1935) – elevado, posteriormente, a uma espécie de padrinho dos *Annales* – evidencia o quanto, no início da carreira de Febvre e Bloch, o campo historiográfico não se limitava à tão detratada *história metódica*.<sup>18</sup> Uma releitura do símbolo mesmo escolhido para representar essa tendência, o célebre manual de Charles-Victor Langlois (1863-1929) e Charles Seignobos, o *Introduction aux études historiques*, de 1898, curiosamente traduzido em São Paulo menos de cinquenta anos depois, revela, a despeito dos ataques que os *annalistes* lhe desfecharam, o quanto muitas das percepções propostas por Febvre, Bloch e até por Braudel podem ser encontradas, ainda que com algum disfarce, em suas páginas nada ingênuas e de uma clareza cartesiana.<sup>19</sup>

Nesse sentido, parece claro que a criação dos *Annales* em 1929 não representou o *corte epistemológico* bachelardiano que muitas vezes se supõe, e a explicação deve ser buscada em outras instâncias.<sup>20</sup> Primeiro – em função da formação bastante semelhante e da experiência comum da Grande Guerra de 1914-1918 – as afinidades intelectuais entre Febvre e Bloch situavam-nos particularmente bem para se darem conta do que representava a sociologia durkheimiana, cuja pretensão a ocupar o lugar hegemônico no conjunto das ciências humanas e cuja organização, graças à publicação de *L'Année sociologique*, a partir de 1898, revelavam-se uma ameaça para a posição de destaque de que gozara a história até então no meio acadêmico francês.<sup>21</sup> Embora aceitassem as críticas de Simiand, diz Bertrand Müller, responsável pela edição da correspondência entre 1928 a 1933, “Bloch e Febvre dificilmente podiam resignar-se ao papel que lhes estava assim proposto [pela sociologia], mas eles compreendiam que doravante a capacidade de renovação da sua disciplina somente era possível caso a história aceitasse enfrentar os múltiplos desafios que lhe ofereciam as novas ciências sociais.”<sup>22</sup>

Desse ângulo, compreende-se melhor o enorme investimento que Febvre e Bloch fizeram no periódico, o segundo aspecto para o qual o exame do mencionado volume da correspondência entre eles me despertou. Reportando-se a menos de seis anos, estão ali reunidas 184 cartas, ocupando mais de 450 páginas, nas quais os *Annales* encontram-se *onipresentes* e que constituem, com a destruição dos arquivos da editora Armand Colin, as fontes mais importantes sobre o seu surgimento. Não são, no entanto, todas, pois a própria história delas revela-se cheia de mistérios, como a desproporção entre as 132 cartas de Febvre, contra apenas 52 de Bloch, e o desaparecimento de quase todas as missivas anteriores a 1928, embora desde 1926, pelo menos, os dois historiadores já tratassem do assunto.<sup>23</sup> Professores da nova Universidade de Estrasburgo, projetada como instituição inovadora para consolidar o espírito francês na Alsácia-Lorena ocupada pelos alemães desde a Guerra Franco-Prussiana de 1870 até a Grande Guerra de 1914-1918, nem Febvre, já a caminho dos 50 anos, nem Bloch, oito anos mais moço, eram, nessa época, marginais ao ambiente acadêmico. “Eles aparecem”, escreve ainda Bertrand Müller, “ao contrário, perfeitamente integrados ao sistema.”<sup>24</sup>

Por outro lado, as crescentes queixas em relação ao acanhado meio de Estrasburgo e os planos para obter uma posição em Paris, o centro de gravidade da vida universitária francesa, deixam claro o quanto o projeto dos *Annales* fez parte de uma estratégia de acumulação de capital simbólico para tal fim.<sup>25</sup> Com efeito, o *élan* para alcançar Paris mostrava-se de tal ordem que, por duas vezes, transformou os colegas em acirrados competidores. Da segunda feita, ao final de 1930, a propósito de uma candidatura à *École des Hautes Études*, Febvre dirige a Bloch uma carta que diz poder ser “brutal”, uma vez que “não se resolve uma crise como esta, que sua carta revela, com meias palavras e cortina de fumaça”. Por eles próprios e “por tudo o que representavam”, os dois deviam chegar a Paris; mas isso exigia uma condição: que nem por um segundo dessem “a impressão” de que fossem “competidores”.<sup>26</sup>

Na realidade, era o envolvimento na revista que servia de estratégia mais segura para alcançar Paris. Como observa Carole Fink, os *Annales* deram a Bloch “e a Febvre um lugar no mundo acadêmico”; e cumpriram a esperança do primeiro “de criar um periódico acessível, inovador, diferente, que se dirigisse ao mundo em volta e lhe respondesse [as indagações].”<sup>27</sup> Isso significou inclusive tentativas de aproximação na

direção ao mundo dos negócios, entre as quais provavelmente se insere o pedido de Bloch a Keynes de uma contribuição.<sup>28</sup> Como explica ainda Bertrand Müller, com base em tese inédita de Olivier Dumoulin, à época feliz de criação de cátedras de antes da Grande Guerra, quando a história fora a principal beneficiada, sucedera um período “em que se aprofundava o fosso entre as criações na província e a estagnação das posições nas grandes escolas da capital, em especial na Sorbonne.”<sup>29</sup> Ao final, porém, a Paris, eles chegaram. Febvre em 1932, ao *Collège de France*; Bloch, à própria Sorbonne, em 1936, ocupando o lugar de Henri Hauser, que partiu para o Brasil, lecionando na Universidade do Distrito Federal, onde teve Sérgio Buarque de Holanda por assistente.<sup>30</sup>

Até aqui, portanto, são dois os pontos que quis destacar: o caráter dos *Annales* como um ambicioso investimento acadêmico de Febvre e Bloch para se distinguirem no meio acadêmico francês; e, segundo, recorrendo à mesma estratégia durkheimiana, que conheciam bem e admiravam, a preocupação de utilizar o periódico para consolidar e projetar a história em novas bases, aliando-se justamente aos seus maiores inimigos institucionais, as ciências sociais em afirmação. Mais do que aproveitar as contribuições de economistas, sociólogos e outros, como tinham feito seus predecessores, tal opção implicava em definir a disciplina de acordo com um novo paradigma, no sentido de Thomas Kuhn.<sup>31</sup> Paradigma que não tardou a dar a impressão ao mundo acadêmico, enfim, de que estava assegurada a sua sempre questionada *cientificidade*. Graças à concepção de uma *história-problema*, que articulava séries de dados idênticos entre si e, por isso, mensuráveis, exorcisava-se aquele desprezado *fato singular*, o famoso *fato histórico* da escola metódica.<sup>32</sup> E tamanho foi o investimento, somado a outros fatores, após o final da 2ª Guerra – a própria morte trágica de Bloch, a habilidade de Febvre para justificar a continuação da publicação da revista durante a ocupação alemã e esconder as diferenças com o parceiro, apesar da exclusão do nome deste por conta das leis anti-judaicas, e, em seguida, o gênio estratégico de Braudel no meio universitário francês – que a *marca*, a *griffe* dos *Annales* espalhou-se pelo mundo, como o símbolo mais evidente do que a disciplina tinha de melhor a oferecer.<sup>33</sup>

Contudo – e aqui está a provocação que anunciei no início –, ao tomar esse rumo, o movimento dos *Annales* renegou, de certa forma, o berço em que a história foi acalentada desde o seu nascimento como disciplina da Modernidade entre o século XVIII e o XIX. Na medida que, ao pretender-se *ciência*, fez-se especializada e tornou-

se, por conseqüência inevitável, cada vez mais distante daquele público cultivado, para o qual ela tinha vindo servir de substituto em relação à religião, como instrumento de orientação, num universo definitivamente desencantado em suas dimensões determinantes.<sup>34</sup> Aí se encontra o alcance daquela inveja que Benassar teve a sinceridade de confessar na UFF, por volta de 1985, diante do volume de bolso do *Montaillou* à venda num quiosque de estação ferroviária. E, paralelamente, não deixou de criar uma certa crise de identidade para a disciplina, dividida que esta ficou entre ser a ancilar dimensão diacrônica das ciências sociais, como parecia acreditar Mauro em 1972, e, herança de Henri Berr, a pretensão imperialista braudeliana de constituir a impossível síntese de todas as ciências humanas.<sup>35</sup> [Citar o Bernard Groethuysen].

Num momento de crescentes investimentos em pesquisa e por efeito da dinâmica de um campo profissional cuja disciplina vira-se assim alçada ao *status* das demais ciências, não tardou que novos pesquisadores, sobretudo fora da França, buscassem auferir os elevados rendimentos simbólicos assegurados pelo risco da inovação; e também que outros domínios, menos formalizados do que a história, como os estudos literários, ousassem questionar-lhe a situação privilegiada. Dessa maneira, a história não só se fez em *frangalhos*, como viu-se ameaçada – na época de Thatcher e Reagan – por um *takeover* hostil. Como resultado, se o marxismo, levado à lona por fatores externos e internos, perdeu vitalidade e visibilidade a essa altura, apesar da projeção alcançada por um E. P. Thompson e da repercussão obtida por uma *history from below*, em compensação, emergiu o giro lingüístico, a idéia de uma pós-modernidade, os estudos de gênero, a micro-história, a nova história política, a história cultural.<sup>36</sup> Tendências, todas, que dificilmente renegam a herança dos *Annales*, mas que se apresentam, quase sempre, como outras *nouvelles histoires*, dotadas do potencial para superar as anteriores, sem conseguirem, porém, apontar com clareza onde residia a principal questão a distingui-las daquela dos pais fundadores.

Diante das posições assumidas pelos *Annales* em 1989 e 1994, como já mencionado, aqui se encontram, a meu ver, os motivos para desconfiar de uma certa *senilidade* do movimento aos 80 anos. Mais importante que o nome das escolas ou correntes que surgiram nos últimos 30 anos e para além de suas diferenças e pretensões, às vezes exorbitantes, o que está em jogo é este enraizamento da história no particular, no singular – seja dos acontecimentos, seja dos indivíduos – que só pode ser captado por

meio da narrativa, como pressentiu, com excepcional sensibilidade, Lawrence Stone desde 1979.<sup>37</sup> Em 2000, Olivier Dumoulin, por sua vez, em um estudo instigante, assinala a tensão, que acompanhou Marc Bloch ao longo de sua vida profissional, entre o intelectual e o homem de ação, evidente na *Apologie*, mas que se torna ainda mais gritante em *L'Étrange défaite*, esta obra escrita no calor da hora, que faz com que ele se debruce sobre os acontecimentos, sobre os políticos, sobre os soldados, a contrapelo do que havia escrito até então.<sup>38</sup> Por fim, no próprio *santo dos santos* – as páginas mesmo de os *Annales* – Jean-Louis Fabiani chegou a salientar, em 2003, o quanto a tradição de conceber a realidade social “a partir das relações entre variáveis, até o ponto de excluir, por não poder constituir objeto da ciência, todos os fatos sociais que deixavam de entrar nos moldes da causalidade linear”, estava cedendo terreno para uma abordagem de caráter mais narrativo, em que os micro-eventos (*small events*) assumiam uma nova importância, não por que eles indicassem “fenômenos mais vastos ou intrigas mais complexas, mas por que a história completa necessita o ajustamento e o estabelecimento da coerência entre esses *subplots* ou micro-intrigas.” Para tanto, torna-se indispensável partir das pessoas, para as quais, ao contrário das variáveis sem passado ou futuro dos modelos propostos pelas ciências sociais, porque “idênticas a si mesmas em todos os momentos”, a ordem dos eventos – ou seja, a *história* – exerce uma influência decisiva.<sup>39</sup>

[Acentuar a relação com a querela do final do XIX e com aquela do final do XX].

Projeto acadêmico de dois historiadores excepcionais, os *Annales* sacudiram a prática historiográfica do século XX e contribuíram para situá-la em um novo patamar, com o programa de abertura, que promoveram, em relação às ciências sociais. Contudo, o preço dessa aposta consistiu no risco, que provavelmente Febvre e Bloch não souberam avaliar, de quase eliminar a especificidade da história enquanto disciplina da Modernidade, naquela dimensão de uma orientação para a vida que integra a lógica da metahistória de Jörn Rüsen. Daí, a reação que veio a despertar; e de que esta apresentação constitui mais uma manifestação, tanto na letra, quanto no espírito. Se assim for, talvez seja possível dizer, com Sérgio Buarque, que a força dos *Annales* foi a sua fraqueza.

## NOTAS

- \* Agradeço o apoio do CNPq através de uma bolsa de produtividade e do PRONEX / FAPERJ / CNPq “Linguagens da Intolerância”, coordenado por Ronaldo Vainfas, de que sou pesquisador, assim como a João Antonio de Paula e Alexandre Mendes Cunha, pelo convite para participar da mesa-redonda do XIV Seminário do CEDEPLAR, em Diamantina, maio de 2010, onde apresentei a primeira versão deste texto.
- <sup>1</sup> “Sur la lecture”, em *Écrits sur l’art*, prés. de Jérôme Picon, Paris, GF Flammarion, 1999, p. 187-224, citação na p. 195.
- <sup>2</sup> Tratava-se de *A Economia dos descobrimentos henriquinos*, Lisboa, Sá da Costa, 1962. As datas de nascimento e morte dos historiadores foram, na maioria, obtidas na *Wikipédia*; em alguns casos, recorri a André Burguière, *Dictionnaire des sciences historiques*, Paris, Presses Universitaires de France, 1986.
- <sup>3</sup> E continuam a circular. Em obra paradigmática recente, é nítida a parcela de inspiração nos *Annales* que moveu Caio César Boschi. Cf. *Por que estudar história?* São Paulo, Ática, 2007.
- <sup>4</sup> Rio de Janeiro, Graal, trad. de João Maia.
- <sup>5</sup> Para o filme, também estrelado por Ginger Rogers, dirigido por Mark Sandrich e com música de Irving Berlin, ver [http://en.wikipedia.org/wiki/Top\\_Hat](http://en.wikipedia.org/wiki/Top_Hat) (em 10/06/2010).
- <sup>6</sup> Cf. Charles-Victor Langlois & Charles Seignobos, *Introduction aux études historiques* [1898], préf. de Madeleine Rebérioux, Paris, Kimé, 1992, p. 29.
- <sup>7</sup> A bibliografia sobre o tema tornou-se enorme. Como referências, vejam-se André Burguière, *Histoire d’une histoire: la naissance des Annales*, *Annales. ESC*, v. 34, n° 6, 1979, p. 1347-59 (acessível na internet); Georg G. Iggers, “The *Annales* Tradition – French Historians in Search of a Science of History”, em *New Directions in European Historiography*, revised edition, London, Methuen, 1985, p. 43-79; George Huppert, *The Annales Experiment*, em Michael Bentley (ed.), *The Companion to Historiography*, London, Routledge, 1997, p. 873-88; e as riquíssimas indicações de Jean-Pierre V. M. Hérubel em *Historiography’s Horizon and Imperative: The Legacy of Febvrian Annales and Library History as Cultural History*, *Libraries & Culture*, v. 39, n° 3, Summer 2004, p. 293-312, que vai muito além de uma resenha a Bertrand Müller, *Lucien Febvre, lecteur et critique*, Paris, Albin Michel, 2003, a que ainda não tive acesso.
- <sup>8</sup> Trata-se de *Montaillou, village occitan de 1294 à 1324*, Paris, Gallimard, 1975. Naturalmente, a referência implícita é a Clifford Geertz, *A interpretação das culturas*, trad. de Fanny Wrobel, Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- <sup>9</sup> Ver Hayden White, *Metahistory: The Historical Imagination in Nineteenth-Century Europe*, Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 1979 e Jacques Le Goff, Roger Chartier & Jacques Revel (dir.), *La Nouvelle histoire*, Paris, Retz – C.E.P.L., 1978.
- <sup>10</sup> Cf. *L’histoire en miettes: des “Annales” à la “nouvelle histoire”*, Paris, La Découverte, 1987. Bom antídoto a essa perspectiva encontra-se em Peter Burke, *A Escola dos Annales, 1929-1989: a revolução francesa da historiografia* [1990], São Paulo, UNESP, 1997. Posteriormente, Dosse foi autor, entre muitas outras, de uma *Histoire du structuralisme*, Paris, La Découverte, 1991-2, 2v., e da biografia *Paul Ricoeur. Les sens d’une vie*, Paris, La Découverte, 1997.
- <sup>11</sup> Ver Gérard Noiriel, *Sur la “crise” de l’histoire*, Paris, Gallimard, 2005.
- <sup>12</sup> Ver os editoriais “Tentons l’expérience”, em *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, Paris, v. 44, n° 6, nov.-déc. 1989, p. 1317-23 e “Histoire, sciences sociales”, em *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, Paris, v. 49, n° 1, jan.-fév. 1994, p. 3-4 (ambos acessíveis na internet).
- <sup>13</sup> Cf. em especial, Hans-Georg Gadamer, *O problema da consciência histórica*, trad. de Paulo C. D. Estrada, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998 e *Acotaciones hermenéuticas*, trad. de Ana Agud e Rafael de Agapito, Madrid, Trotta, 2002.
- <sup>14</sup> Cf. Hans-Dieter Mann, *Lucien Febvre. La pensée vivante d’un historien*, préf. de Fernand Braudel, Paris, Armand Colin, 1971 (Cahiers des Annales, 31), p. 74-82. Ver também Bertrand Müller,

Introduction, em *Marc Bloch, Lucien Febvre et les Annales d'Histoire Économique et Sociale: Correspondance, tome premier, 1928-1933*, éd. établie, présentée et annotée par Bertrand Müller, Paris, Fayard, 1994, p. V-LV, em especial, p. XVI-XVII. Para a crítica de Simiand, ver *Méthode historique et science sociale, Revue de Synthèse Historique*, 1903, p. 1-22 e 129-157, reproduzido em François Simiand, *Méthode historique et sciences sociales*, choix et prés. de Marina Cedronio, Paris, Éditions des Archives Contemporaines, 1987, p. 113-69.

- <sup>15</sup> Ver W. H. Walsh, “The Limits of Scientific History”, em *An Introduction to Philosophy of History* [1951], 3<sup>rd</sup> Ed., London, Hutchinson University Library, 1970, p. 169-87. O essencial dos ensaios de Bury e Trevelyan (como o de outros mencionados) pode ser encontrado em Fritz Stern (ed.), *The Varieties of History: From Voltaire to the Present*, London, Macmillan, 1970.
- <sup>16</sup> Cf. Georg G. Iggers, *The German Conception of History: The National Tradition of Historical Thought from Herder to the Present*, revised edition, Hanover (NH), Wesleyan University Press, 1988, p. 197-200 sobretudo; <http://en.wikipedia.org/wiki/Methodenstreit> mais [http://en.wikipedia.org/wiki/Karl\\_Gotthard\\_Lamprecht](http://en.wikipedia.org/wiki/Karl_Gotthard_Lamprecht), ambos em 11/06/2010.
- <sup>17</sup> Veja-se Peter Novik, *That Noble Dream: The “Objectivity Question” and the American Historical Profession*, Cambridge, Cambridge University Press, 1988. O artigo de Beard, “That Noble Dream” (1935), também está em Stern, *The Varieties ...*.
- <sup>18</sup> Ver Guy Bourdè, L'École méthodique, em Guy Bourdè & Hervé Martin, *Les écoles historiques*, Paris, Seuil, 1983, p. 137-170 e Charles-Olivier Carbonell, *Histoire et historiens, une mutation idéologique des historiens français, 1865-1885*, Toulouse, Privat, 1976.
- <sup>19</sup> Langlois & Seignobos, citado, em especial o prefácio de Madeleine Rebérioux, p. 7-16. Veja-se também *Introdução aos estudos históricos*, trad. de Laerte de Almeida Morais, São Paulo, Renascença, 1946 e a reverente primeira nota de Marc Bloch, *Apologie pour l'histoire ou le métier d'historien*, éd. critique par Étienne Bloch, préf. de Jacques le Goff, Paris, Armand Colin, 1993, p. 69.
- <sup>20</sup> A noção de corte epistemológico ganhou evidência no Brasil durante os anos da década de 1970, graças ao uso que dela fez Louis Althusser em *La Revolución teórica de Marx [Pour Marx, 1965]*, trad. de Marta Harnecker, México, Siglo Veintiuno, 1971, inspirado pelos trabalhos de Gaston Bachelard, cujas preocupações contribuíram para definir a história da ciência contemporânea.
- <sup>21</sup> Para o lugar da história e da sociologia no ambiente acadêmico francês do final do século XIX e início do XX, cf. Pim den Boer, *History as a Profession: The Study of History in France, 1818-1914*, Trans. by Arnold J. Pomerans, Princeton (NJ), Princeton University Press, 1998 e François Leroux, *Histoire et sociologie en France. De l'histoire-science à la sociologie durkheimienne*, Paris, Presses Universitaires de France, 1998.
- <sup>22</sup> Müller, Introduction, em ... *Correspondance ...*, p. XV.
- <sup>23</sup> Idem, ibidem, p. VI-IX.
- <sup>24</sup> Idem, ibidem, p. X.
- <sup>25</sup> Como em passagem anterior, a referência, aqui, são os trabalhos de Pierre Bourdieu, em especial, “O campo científico”, em *Pierre Bourdieu: Sociologia*, org. de Renato Ortiz, São Paulo, Ática, 1983, p. 122-55 (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 39) e *A Economia das trocas simbólicas*, trad. de Sérgio Miceli et al., São Paulo, Perspectiva, 1974.
- <sup>26</sup> Müller, Introduction, em ... *Correspondance ...*, p. XLVIII. Carta de 31 dez. 1930, p. 263-7. Não há cartas de Bloch em 1930, tendo, portanto, desaparecido aquela a que Febvre faz referência!
- <sup>27</sup> *Marc Bloch: A Life in History*, Cambridge, Cambridge University Press, 1991, p. 165.
- <sup>28</sup> Müller, Introduction, em ... *Correspondance ...*, p. XLV e p. 213.
- <sup>29</sup> Idem, ibidem, p. XLVI.
- <sup>30</sup> Ver Marieta de Moraes Ferreira, Notas sobre a institucionalização dos cursos universitários de história no Rio de Janeiro, em Manoel Luiz Salgado Guimarães (org.), *Estudos sobre a escrita da história*, Rio de Janeiro, 7Letras, 2006, p. 139-61; Alberto Venancio Filho, Henri Hauser e o Brasil, *Revista do*

*Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 158, nº 396, jul.-set. 1997, p. 887-93; e Henri Hauser, La transformation des sociétés européennes de la Renaissance à la Revolution. Conférence inaugurale prononcée à l'École des Beaux-Arts, le lundi 20 Avril 1936, par le Professeur Henri Hauser, chargé du cours d'Histoire Économique des Temps Modernes à l'Université du District Fédéral, em *Lições inaugurais da Missão Universitária francesa durante o ano de 1936*, Rio de Janeiro, Universidade do Distrito Federal, 1937, p. 33-49.

- <sup>31</sup> Ver *The Structure of Scientific Revolutions* [1962], 2<sup>nd</sup> edition, enlarged, Chicago, The University of Chicago Press, 1973, mas também “Comment on the Relation of Science and Art”, em *The Essential Tension: Selected Studies in Scientific Tradition and Change*, Chicago, The University of Chicago Press, 1977, p. 340-51. Traian Stoianovich, *French Historical Method: The Annales Paradigm*, foreword by Fernand Braudel, Ithaca (NY), Cornell University Press, 1976 constitui uma tentativa de enquadrar o movimento dos *Annales* através das idéias de Kuhn [e não é a única].
- <sup>32</sup> Cf. François Furet, A História quantitativa e a construção do fato histórico, em Maria Beatriz Nizza da Silva (org.), *Teoria da história*, São Paulo, Cultrix, 1976, p. 73-91.
- <sup>33</sup> Embora considerado polêmico e pouco mencionado, Hervé Coutau-Begarie, *Le Phénomène “Nouvelle Histoire”: stratégie et idéologie des nouveaux historiens*, Paris, Economica, 1983 aponta com bastante propriedade esses aspectos, se a minha leitura não foi apressada em demasia.
- <sup>34</sup> Quanto a essa questão, ver as obras de Marcel Gauchet, em particular, *La condition historique. Entretiens avec François Azouvi et Sylvain Piron*, Paris, Gallimard, 2005; *Un monde désenchanté?* Paris, Les Éditions de l'Atelier / Éditions Ouvrières, 2004; *La religion dans la démocratie: parcours de la laïcité*, Paris, Gallimard, 1998; e o já clássico *Le désenchantement du monde: une histoire politique de la religion*, Paris, Gallimard, 1985.
- <sup>35</sup> Ver Fernand Braudel, “Histoire et sciences sociales: la longue durée” [1958], em *Écrits sur l'histoire*, Paris, Flammarion, 1969, p. 41-83 e Cardoso & Pérez Brignoli, “O problema da síntese em história”, em *Os Métodos ...*, p. 421-79 [citar a resenha do Salmon].
- <sup>36</sup> Diante da impossibilidade de referências completas, vejamos Peter Burke (ed.), *New Perspectives on Historical Writing*, Cambridge, Polity Press, 1991 e Keith Jenkins, *Re-thinking History*, London, Routledge, 1991.
- <sup>37</sup> Ver The Revival of Narrative. Reflections on a New Old History, *Past & Present*, Oxford, v. 85, Nov. 1979, p. 3-24.
- <sup>38</sup> Cf. Marc Bloch, Paris, Presses de Sciences Po, 2000 (em especial, os capítulos 7 e 8, p. 229-88) e Marc Bloch, *L'étrange défaite* [1940], em Marc Bloch, *L'Histoire, la guerre, la résistance*, éd. établie par Annette Becker et Étienne Bloch, Paris, Quarto Gallimard, 2006, p. 519-653.
- <sup>39</sup> Pour en finir avec la réalité unilinéaire: le parcours méthodologique de Andrew Abbott. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*. Paris, 58(3): 549-65, mai-juin 2003, citações das p. 557, 553 e 559. Ver também a opinião do prêmio Nobel de física Steve Weinberg de que não estudamos partículas elementares “because they are intrinsically interesting, as people. They are not – if you have seen one electron, you’ve seen them all”, em The Revolution that Didn’t Happen, *The New York Review of Books*, New York, v. 45, nº 15, October 8, 1998, p. 48-52.